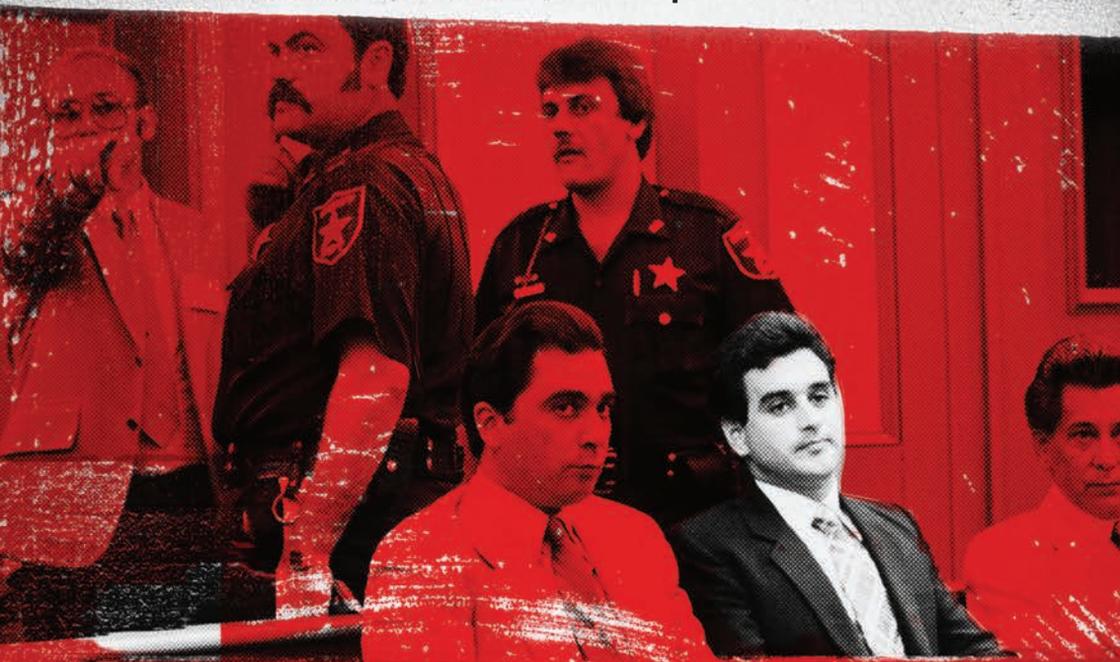


Pela primeira vez, o #2 da Máfia americana revela tudo
e não deixa nada por contar

PHILIP LEONETTI

com **Scott Burnstein** e **Christopher Graziano**



PRÍNCIPE DA MÁFIA

Uma História Real de Sangue, Violência, Poder e Traição

m o g a i s

ÍNDICE

Prefácio ...7

Prólogo ...13

ATO UM

«Little Nicky» & «Crazy Phil» ...17

À Vista de Todos ...21

La Cosa Nostra [A Coisa Nossa] ...27

O Jovem Philip ...31

O Tio Nick ...35

Ducktown ...44

Yardville ...49

I'Inizio [O Princípio] ...53

O Recreio do Mundo ...61

Ressurreição ...63

Aprender a Ser Assassino ...65

Enviar uma Mensagem ...70

A Desforra ...75

A Perder o Controlo ...83

O Figurão Está Morto ...93

Os Idos de Março, Parte I [1980] ...109

Juramento de Sangue ...126

Abençoado Sistema Jurídico Americano ...131

Os Idos de Março, Parte II [1981] ...142

ATO DOIS

O Amanhecer de Uma Nova Era ...	153
Proclamação do Novo Rei ...	167
Um Cenário Completamente Novo ...	176
O Doce Sabor da Vingança ...	184
Prelúdio de Guerra ...	191
Retorno de Um Velho Inimigo ...	194
Verão de 1982 ...	199
Tempo de Pausa ...	206
A Rotina de Sempre ...	211
«Limpar o Barco» ...	217
Desagregação ...	225
Retorno ao Ativo ...	229
Morte Anunciada ...	237
Rumo ao Sul Para o Inverno ...	245
Memórias ...	250
O Subchefe...	256
O Princípio do Fim ...	268
EUA vs. Nicodemo Scarfo, Philip Leonetti, <i>et al.</i> ...	272

ATO TRÊS

Adeus, Até Nunca Mais ...	299
O Fim de Uma Era ...	307
De Novo na Estrada ...	318
Começar de Novo ...	328
Diário de Um Louco ...	337
Perdido no Mar ...	341
Retorno a Casa ...	346
O Segundo Fôlego ...	360
Seguir em Frente, com um Olhar no Passado ...	365
O Novo Milênio...	367
<i>Que Sera, Sera</i> ...	369
Caminhos da Memória ...	376
A Última Palavra ...	387
Epílogo: Questões Pendentes ...	395
Dedicatórias/Agradecimentos ...	415

PREFÁCIO

O ENCONTRO DELES SERIA NO EDEN ROC HOTEL EM MIAMI, NO RESTAURANTE COM VISTA PARA A PISCINA.

Meyer Lansky, o génio do submundo já no outono da vida, estaria sentado numa mesa do canto. E a ele iriam juntar-se Nicky Scarfo, o gangster de Atlantic City, que em breve se tornaria o patrão da Máfia mais sanguinário da América, e Philip Leonetti, o jovem sobrinho de Scarfo e futuro subchefe da família.

Três gerações de mafiosos americanos, reunidas a conversar. Lansky, magro e de cabelo branco, na altura na casa dos setenta anos, a enfrentar problemas de coração e de estômago, iria protagonizar a conversa com histórias dos velhos tempos. Scarfo, próximo dos cinquenta anos, com o cabelo castanho todo penteado para trás, e varrendo a sala com o olhar, acenava com a cabeça e emitia uma opinião ocasionalmente. E Leonetti, elegante e atraente como um artista de cinema, com pouco mais de vinte anos, ficava em silêncio.

A ouvir.

A ouvir.

Presentemente um dos informadores da Máfia mais relevantes da história, Leonetti pouco ou nada dizia durante esses encontros de Miami. Sentia-se apenas feliz por estar ali. Olhava para Lansky como outros olhariam para DiMaggio, Caruso ou Hemingway. Um ser único. Um homem que definia o mundo no qual operava.

Lansky estava lá desde o princípio, quando tudo começou, na altura da formação de *La Cosa Nostra*. Leonetti, que ascendeu ao poder com o tio e controlou durante algum tempo o crime organizado em Filadélfia e Atlantic City, é o homem que ajudou a pôr termo a tudo isso.

«Isto passava-se na década de 1970», contou Leonetti alguns anos mais tarde, ao referir-se a essas idas à Flórida. «Sempre que passávamos por lá, o meu tio estabelecia o contacto e íamos ao encontro do Meyer. Ele estava sentado no restaurante. Ele, o Nig Rosen.

O Mickey Wissberg. Costumavam encontrar-se todos os dias ali. Era como se aquele fosse o ponto de encontro do Meyer. Eles iam para lá e jogavam às cartas. O Meyer gostava de nós. Apreciava o meu tio. Sentávamo-nos à volta da mesa e ele contava-nos histórias dos velhos tempos, sobre o Benny e o Charlie, e de como as coisas aconteciam no passado.»

Benny era Benjamim «Bugsy» [Amalucado] Siegel. Charlie era Charles «Lucky» [Sortudo] Luciano. Siegel foi o homem que introduziu o crime organizado em Las Vegas. Mandou construir o Flaming Hotel Casino em 1947, transformando uma zona desértica numa máquina de fazer dinheiro para a Máfia. A seguir, esqueceu-se de quem eram os seus parceiros. E, por isso, foi morto.

Anos depois, Lansky ainda falava sobre isso.

«O Meyer contou-nos que o assassínio do Benny o deixou bastante transtornado», referiu Leonetti. «Ele gostava realmente do Benny. Mas disse que ele andava a roubá-los e que não lhes dava ouvidos. Referiu-nos que o Benny nunca gostou de ouvir o que os italianos diziam. E que pensava que o casino lhe pertencia, o que não era o caso. O casino era deles. O Benny só dava ouvidos ao Meyer e este disse que fez o que lhe foi possível para o manter sob controlo, no entanto, nada pôde fazer quando decidiram aniquilá-lo. Ficou com o coração despedaçado depois de o matarem, mas não conseguiu evitá-lo. Era um assunto de negócios.»

«A seguir, ele olhou para o meu tio e afirmou: “O Benny era um assassino implacável, Nick. Mas, como sabes, existem muitos assassinos [na Máfia].” O meu tio limitou-se a assentir com a cabeça.»

Leonetti viria a ser um deles. Essa é uma parte da sua história. A forma como ele se tornou um assassino a mando do tio, como se virou contra o homem que o criou e como acabou por ir parar ao banco das testemunhas é parte integrante deste livro.

Nunca existiu uma testemunha sobre a Máfia como Leonetti. Nem sequer Joe Valachi. Ou Vinnie Teresa. Ou Salvatore «Sammy the Bull» [Sammy, o Touro] Gravano.

Leonetti é a essência do que era a Máfia americana na década de 1980 e no que ela se tornou a partir daí. A sua vida foi moldada, deformada e quase destruída por ela. A decisão que ele tomou de colaborar alterou-a radicalmente.

Esta poderia chamar-se a história do fracasso dos valores familiares.

Uma história sangrenta de assassinios que termina com uma redenção pessoal.

Mortes, extorsão, agiotagem: Leonetti praticou tudo isso. Mais tarde, face à perspectiva de passar o resto dos dias na prisão e a probabilidade de o filho adolescente enveredar pelo mesmo caminho, cortou relações com o tio, com o crime organizado e com essa vida.

Como testemunha, ele ajudou a derrubar figuras proeminentes do crime organizado de Manhattan, Brooklyn, Boston, Pittsburgh, Hartford e Filadélfia. Os líderes de famílias de crime como os Genoveses, os Gambinos, os Colombos, os Patriarcas e os Luccheses encontram-se atrás das grades em resultado disso.

Não restam dúvidas de que ele foi a razão que fez Gravano aceder a testemunhar e, em consequência, o motivo pelo qual John Gotti foi finalmente condenado.

A história de Leonetti é a saga da Máfia americana. Ela estende-se de Lansky a Gotti, de Los Angeles a Palermo. É um relato em torno do dinheiro, do crime e da traição, que põe a nu a mentira dos chamados «homens de honra». É a visão de um homem tragado pelo submundo sob a influência de um sentido distorcido da família, da honra e da dignidade. E é uma lição sobre a redenção humana e o desejo de recomeçar por parte de alguém com a inteligência, a força e a coragem para quebrar os elos que o amarravam à «vida».

Após a sua detenção, Leonetti levou meses a tentar explicar ao FBI e aos procuradores federais o que significava pertencer àquela vida. Pretendia fazê-los entender o sentido de valores deturpado em que fora criado e a influência castradora que o tio — na realidade, o seu pai adotivo — exercera sobre ele.

«Era como andar na companhia do diabo», explicava, enquanto os agentes e advogados do governo assentiam com a cabeça

e tomavam notas nos blocos de apontamentos amarelos que os acompanhavam nas sessões de interrogatório com ele. Depois, os homens passavam à questão seguinte, ao tópico seguinte, e ao capítulo seguinte da ascensão e queda da família Scarfo. Nessa altura, para Leonetti, era evidente que eles não compreendiam verdadeiramente o que *La Cosa Nostra* faz a uma pessoa, como lhe corrompe a alma.

Mas Leonetti queria que o percebessem. Após vinte anos, ele já não queria fazer parte dela. Estava farto de assassínios, desgastado pelas traições e fragilizado pelas desilusões. Contudo, ele sabia que só depois de conseguir explicar-lhes, só depois de conseguir mostrar-lhes, seria possível deixar aquilo para trás.

Por fim, houve um momento em que tudo se articulou, em que tudo fez sentido.

Estava perante o juiz de um tribunal federal de Filadélfia, a fazer a sua estreia como testemunha. Isto aconteceu em janeiro de 1990, seis meses depois de ter voltado as costas à Máfia e iniciado conversações com os agentes federais. Testemunhava contra quatro dos seus antigos cúmplices, esmiuçando as operações da família criminoso que ele e Scarfo controlavam outrora, e implicando os quatro gangsters sentados no banco dos acusados nas atividades da organização.

Envergando um blazer azul e calças cinzentas, com um pulôver cinzento sobre camisa e gravata brancas, ele parecia-se mais com um contabilista do que com um assassino profissional. Só que o seu testemunho demonstrava ser tão mortífero no tribunal como os seus atos o tinham sido no mundo do crime.

Leonetti confessaria o seu envolvimento pessoal em dez assassínios no submundo, ao longo do seu depoimento sobre a organização secreta, o código do silêncio, as extorsões, agiotagem e jogo.

No interrogatório, um dos advogados de acusação, pretendendo desestabilizá-lo, perguntou-lhe em tom sarcástico se ele sabia «o que significava ser impiedoso».

Leonetti fez uma breve pausa para refletir sobre a questão.

Foi então que tudo se clarificou. Aquele foi o momento em que ele conseguiu levá-los a entender. Foi então que, de uma forma intrinsecamente perversa, aquilo fez sentido.

«Sei o que significa ser impiedoso», respondeu na sua voz firme e calma que levava os jurados a ficarem suspensos em cada palavra. «Mas nunca me lembro de ter feito alguma coisa, e de facto tenho a certeza disso, de que nunca fiz nada de impiedoso, a não ser, bom, matar pessoas. Mas essa é a nossa vida. É aquilo que fazemos.»

Naquela vida, não existia qualquer dilema moral.

Nenhuma dúvida sobre o que significava assassinar outro ser humano.

Nenhuma questão sobre o que estava certo ou errado.

Era simplesmente *La Cosa Nostra*.

Phil Leonetti tinha finalmente conseguido explicar-lhes.

Ele deixou aquela vida para trás.

Esta é a história sobre o ponto onde ele se encontra e de como ele aí chegou.

— George Anastasia, jornalista especializado em crime,
Philadelphia Inquirer

PRÓLOGO

Algures, Próximo do Oceano Atlântico, Primavera de 2011

ESTAVA BRONZEADO E EM BOA FORMA, VESTINDO UM CASACO IMPERMEÁVEL PRETO SOBRE UMAS CALÇAS DESPORTIVAS PRETAS E IMACULADAS, COM UNS SAPATOS ITALIANOS PRETOS BEM ENGRAXADOS. O CABELO GRISALHO TINHA UM AR CUIDADO E ESTAVA PENTEADO PARA TRÁS. USAVA UNS ÓCULOS ESCUROS DE MARCA.

O homem sentado no bar do átrio de entrada de um hotel de luxo parecia um jogador de golfe profissional e não um assassino psicopata da Máfia, merecedor da alcunha de «Crazy Phil» [*Phil Maluco*]. De voz suave e cortês, ele tinha um ar atraente e discreto, e modos que denotavam tratar-se de uma pessoa confiante.

Depois da troca de cumprimentos, ele tirou os óculos escuros e disse: «Têm de compreender que eu venho de um mundo diferente do vosso.» Enquanto falava, a sua voz era calma e o olhar concentrado. «Nós regemo-nos por um conjunto de regras muito distinto. Em *La Cosa Nostra*, se infringirmos as regras, recebemos isto», afirmou, moldando a mão em forma de pistola e apontando-a para o chão. «E eu violei a regra mais importante de todas, traí o meu juramento.»

Philip Leonetti encontrava-se ali, à vista de toda a gente, mais de duas décadas decorridas após o abandono da sua vida como subchefe da Máfia do eixo Filadélfia-Atlantic City. Ainda que em tempos ele tivesse sido um tubarão, um grande predador a cruzar um mar com outros tubarões igualmente mortíferos e sanguinários, naquele momento, ele parecia ser apenas um homem — um homem com uma história para contar.

Nos três dias que se seguiram, no interior de uma suite requintada e sobranceira às praias de areia dourada e ao Oceano Atlântico, Philip Leonetti iria desvendar aos coautores desta obra

os pormenores da sua vida, tanto no seio como no exterior da Máfia.

Este foi o nosso primeiro encontro pessoal com Leonetti, mas não seria o último. Ao longo do ano seguinte, voltaríamos a encontrar-nos por diversas vezes em grandes cidades dos Estados Unidos, até ao nosso encontro final no inverno de 2012, no regresso a Atlantic City, a pouca distância do edifício da Georgia Avenue onde tudo começou.

Esta é a história completa dos bastidores da ascensão sangrenta e da queda à custa de uma traição de uma das dinastias da Máfia mais impiedosas da história americana.

No seu epicentro, encontram-se dois homens: Philip Leonetti e o seu tio, Nicodemo Scarfo.

«Crazy Phil» e «Little Nicky».

Aquilo que vai ler é a história deles, contada, em parte, pelos coautores com base numa pesquisa exaustiva e entrevistas pessoais, e, em parte, por Philip, na primeira pessoa. As diferentes tipografias utilizadas permitem destrinçar os dois relatos.

Existe aqui uma mistura de *O Padrinho* com *Tudo Bons Rapazes*, com umas nuances de *Casino*, *Donnie Brasco* e *Os Sopranos* aqui e ali.

Só que isto não é um filme de Hollywood ou uma série televisiva; isto é a realidade.

ATO UM

ATO UM

«Little Nicky» & «Crazy Phil»

16 DE DEZEMBRO DE 1979

ERA UMA TARDE FRIA DE INVERNO, O TIPO DE DIA CAPAZ DE DEIXAR UM HOMEM SEM RESPIRAÇÃO, LITERALMENTE. CONTUDO, NESTE DIA, NÃO SERIA A MÃE NATUREZA A EXECUTAR ESTA TAREFA ARROJADA; SERIA UM ASSASSINO DA MÁFIA DE VINTE E SEIS ANOS, COM GELO NAS VEIAS E A ORDEM PARA MATAR, CHAMADO PHILIP LEONETTI, CUJA ALCUNHA, «CRAZY PHIL», DIZIA TUDO.

Enquanto o clamor inconfundível das ondas de crista branca, poderosas e implacáveis, a açoitar a linha da costa a poucos metros de distância, realçava o ar gélido neste dia desolador, na vida de Philip Leonetti não existia uma força mais poderosa e implacável e mais omnipresente do que o seu tio Nicodemo Scarfo de cinquenta anos de idade, o homem que o criara como um filho, depois de o próprio pai o ter abandonado em criança, transformando-o num assassino frio e cruel.

Scarfo, a quem chamavam «Little Nicky», tinha um metro e sessenta e cinco de altura e não pesava mais de 61 quilos. Apesar da sua baixa estatura, Scarfo conquistara uma reputação por cometer atos de uma violência indiscriminável que o tornava um gigante no submundo do crime.

Em 1979, ele era a estrela mais fulgurante da Máfia de Filadélfia, tornando-se o verdadeiro patrão do passeio marítimo de Atlantic City, a qual, com o advento dos jogos de casino um ano antes, era agora uma cidade em expansão acelerada para o crime organizado.

Philip Leonetti, o seu sobrinho dileto, tornara-se o seu braço direito, o seu ajudante de maior confiança, bem como o seu assassino mais competente. No final da década de 1970, no submundo flores-

cente do eixo Filadélfia-Atlantic City, o chão estremecia quando e por onde «Little Nicky» e «Crazy Phil» passavam.

Era do conhecimento geral, para quem tinha negócios em Atlantic City, que Scarfo e Leonetti, igualmente temidos e respeitados, seriam pessoas a evitar confrontar.

Por isso, quando um jovem associado da Máfia, de nome Vincent Falcone, despertou a ira do extremamente volátil Scarfo, «Little Nicky» decidiu que o castigo a aplicar seria a pena de morte e que Philip «Crazy Phil» Leonetti ia ser o executor.

Philip Leonetti dirigiu-se a Vincent Falcone, quando os dois homens se encontravam na cozinha de uma casa em frente à praia, em Margate, uma requintada estância balnear de Nova Jérсия, escassos quilómetros a sul de Atlantic City.

Anda, Vince, vamos preparar umas bebidas.

A poucos metros de distância, Nicky Scarfo estava sentado na sala de estar, com os óculos de leitura descaídos sobre o nariz e os sapatos de cabedal italianos apoiados confortavelmente sobre uma mesinha de centro, enquanto passava os olhos pela edição dominical do *Atlantic City Press*, e seguia o confronto entre os Philadelphia Eagles e os Houston Oilers, liderados por Earl Campbell, mais tarde nomeado para o Hall of Fame.

«Vince, traz-me um *Cutty* e água», pediu Scarfo, na sua voz aguda característica, enquanto Falcone preparava dois copos para o patrão, um para encher de *Cutty Sark*, o whisky escocês *blended* preferido de Scarfo, e o outro com água, a qual «Little Nicky» utilizava para diluir a sua bebida.

Nessa tarde fatídica, a fazer companhia ao trio de Scarfo, Leonetti e Falcone encontravam-se dois aspirantes a gangsters, jovens candidatos às fileiras da Máfia que, tal como Leonetti e Falcone, pertencem

ciam à equipa de Nicky Scarfo em Atlantic City. Os cinco homens tinham-se juntado para uma comemoração antecipada da quadra. Afinal, faltavam apenas nove dias para o Natal.

Porém, o que estava para acontecer nada tinha de festivo.

Depois de colocar a garrafa de whisky pedida pelo tio sobre a mesa da cozinha, Leonetti, de vinte e seis anos de idade, dirigiu a Falcone um aceno de cabeça.

Vince, vai buscar gelo.

Sem suspeitar de nada, Falcone acenou-lhe em resposta e dirigiu-se ao frigorífico, virando as costas a Leonetti e os outros.

Leonetti levou de imediato a mão ao interior do blusão de cabedal preto e sacou uma pequena pistola de calibre .32 que trazia enfiada na cintura. Sem hesitar, avançou rapidamente para Falcone e encostou-lhe a arma à cabeça, logo atrás do ouvido direito, premindo o gatilho.

Bum!

Impelido pela detonação, Falcone foi lançado para a frente, embateu no frigorífico e caiu atabalhoadamente de costas, ao mesmo tempo que uma poça de sangue começava a tingir o linóleo barato num tom de vermelho-escuro.

Nicky Scarfo, aparentemente já desinteressado do jogo dos Eagles, ergueu-se do sofá e, sem pronunciar palavra, dirigiu-se para a cozinha, ajoelhando-se ao lado do corpo mortalmente atingido de Falcone e encostando-lhe o ouvido ao peito para ver se o coração batia.

«Ele ainda está vivo», afirmou a Leonetti, o qual estava parado junto ao corpo de Falcone com a arma ainda firmemente apertada na mão. «Volta a disparar», ordenou-lhe, acrescentando «para ali», apontando para o coração de Falcone.

Enquanto «Little Nicky» se ajoelhava ao lado do prostrado Vincent Falcone, «Crazy Phil» atirou um novo tiro à queima-roupa para a zona do coração — *Bum!* —, levando o corpo de Falcone a dar um sacão violento no momento em que a bala lhe sulcou o peito, causando-lhe morte imediata.

«O Figurão está morto», anunciou um Nicky Scarfo eufórico, levantando-se e desvalorizando o homem morto com o epíteto de «cabrão merdoso».

Philip Leonetti, ainda com a pistola na mão, virou-se para um dos outros homens na cozinha, um amigo próximo de Falcone, dirigiu-lhe um olhar gélido e disse:

Era um filho da puta inútil. Só gostava de o fazer voltar de novo à vida para o matar outra vez.

Não era a primeira vez que Scarfo e Leonetti se associavam num assassinio, e não iria ser a última. Na década seguinte, os dois organizaram ou executaram pessoalmente mais uma vintena de mortes. Cerca de outra meia dúzia a preceder o assassinio de Falcone contribuiria para definir o seu reinado como o de dois dos gangsters mais conhecidos do século xx.

Três elementos seriam predominantes em muitos dos assassinios: dinheiro, poder e Atlantic City. «Little Nicky» e «Crazy Phil» acabariam por possuir cada um deles — todo o dinheiro, todo o poder e o controlo absoluto de Atlantic City.

A sua ascensão, a partir de um gangue de rua obscuro que emprestava dinheiro a jogadores em dificuldade e praticava extorsões sobre mafiosos insignificantes, iria desembocar no panteão do crime organizado. Eles eram o patrão e o subchefe do submundo de Filadélfia e Atlantic City, o CEO e o Diretor Executivo do império da Máfia mais sangrento e impiedoso da nação.

Dez anos depois do assassinio de Falcone, a vida do crime, do poder e das grandes somas em dinheiro chegava ao fim para «Little Nicky» e «Crazy Phil». Mas, para Philip Leonetti a vida acabava de começar sob diversas formas.

À Vista de Todos

NO DIA 1 DE MAIO DE 2011, O MUNDO FICOU ATÓNITO PERANTE A NOTÍCIA DE QUE OSAMA BIN LADEN, O CÉREBRO MALÉFICO DOS ATAQUES TERRORRISTAS DE 11 DE SETEMBRO E, INDUBITAVELMENTE, O HOMEM MAIS ODIADO DO PLANETA TINHA SIDO LOCALIZADO E ABATIDO PELOS ELEMENTOS DA FORÇA MILITAR DE ELITE DOS ESTADOS UNIDOS, A EQUIPA SEIS DOS NAVY SEALs.

Durante a maior parte da década que conduziu à longamente esperada execução de Bin Laden, existia a ideia generalizada de que o terrorista mais conhecido do mundo vivia no interior de grutas secretas de montanha, na região afegã de Tora Bora, sob a proteção dos senhores da guerra simpatizantes do terrorismo que controlavam a região.

No entanto, quando a Equipa Seis dos SEALs fez a agora célebre «deslocação a Atlantic City» (designação então dada ao ataque a Bin Laden), não o foi encontrar no interior de uma gruta cheia de pó numa montanha, mas antes no terceiro piso de um complexo de segurança de milhões de dólares, concebido com todo o rigor em Abbottabad, no Paquistão, a menos de oitocentos metros da prestigiada academia militar do Paquistão, o equivalente ao West Point naquele país.

Apesar da recompensa de 25 milhões de dólares pendente sobre a sua cabeça, Bin Laden, com quase um metro e noventa e cinco de altura, estava escondido à vista de todos. Horas depois de o seu corpo crivado de balas ser solenemente lançado ao Oceano Índico, o FBI retirou-o do topo da Lista dos Mais Procurados, substituindo-o pelo conhecido patrão da Máfia irlandesa do Sul de Boston e antigo informador do FBI, James «Whitey» Bulger.

Indiciado em mais de uma vintena de assassínios, o astuto e implacável Bulger tinha desaparecido sem deixar rasto em dezembro de 1994, após receber de um agente do FBI corrupto a informação

de que a polícia federal se preparava para exterminar o seu gangue com uma ação criminal massiva, ao abrigo da lei RICO [*Racketeering Influenced and Corrupt Organizations*] aplicada às organizações influenciadas pela extorsão e pela corrupção.

À medida que o FBI intensificava a sua caça ao homem no encalce de Bulger, surgiam dados credíveis sobre a sua presença no sul da Flórida, na cidade de Nova Iorque, em Londres e em Chicago, dados por informadores candidatos à recompensa de dois milhões de dólares. Outras informações adicionais relativas à sua passagem por cidades pequenas e insignificantes — como Grand Isle, no Louisiana; Sloan, no Iowa; Sheridan, no Wyoming; e Fountain Valley, na Califórnia — faziam crer que Bulger se movimentava à vontade, conseguindo estar sempre um passo à frente dos perplexos agentes do FBI, os quais não se poupavam a esforços para o encontrar.

Parecia que «Whitey» Bulger estava em toda a parte, e contudo em lado nenhum, ao mesmo tempo.

A situação iria alterar-se às primeiras horas da noite do dia 22 de junho de 2011, quando agentes do FBI e da polícia federal dos Estados Unidos, com base numa informação, encontraram o gangster fugitivo de oitenta e um anos de idade refugiado num condomínio de luxo perto do mar, em Santa Mónica, na Califórnia, a três quarteirões do Oceano Pacífico e do passeio cénico da Third Street que alberga dúzias de boutiques e restaurantes da moda.

Tal como Bin Laden no Paquistão, o elusivo «Whitey» Bulger estava escondido à vista de todos. Ao vermos as reportagens na televisão e lermos as notícias nos jornais sobre as respetivas capturas, interrogávamo-nos sobre onde diabo se teria escondido Philip Leonetti.

Leonetti, em tempos o subchefe do crime organizado de Filadélfia e Atlantic City, foi o príncipe herdeiro da Máfia durante o apogeu do crime organizado no Nordeste dos Estados Unidos na década já

longínqua de 1980. Um assassino implacável, sobrinho e segundo-comandante de Nicodemo «Little Nicky» Scarfo, um dos patrões do crime mais sanguinários e cruéis da história da Máfia.

Se Leonetti era o príncipe, Scarfo era indubitavelmente o rei da Máfia do eixo Filadélfia-Atlantic City, e os dois regiam o seu império a partir do quartel-general instalado na Georgia Avenue, no bairro de Ducktown de Atlantic City, a menos de três quarteirões do mundialmente famoso passeio marítimo e do glamour dos casinos do centro da cidade iluminados a néon, os quais eles controlavam com pulso de ferro.

Uma vez, um antigo associado que posteriormente se tornou uma testemunha governamental referiu-se a Scarfo, dizendo: «Se o Nicky tivesse tanto poder como Hitler, ele tê-lo-ia derrubado», acrescentando ainda que «Leonetti era cem por cento Scarfo; tão impiedoso e mortífero como o tio».

Assassínios, destruição e violência gratuita tornaram-se a marca de referência da organização criminosa detida por «Little Nicky» e «Crazy Phil», com mais de duas dúzias de assassínios violentos a sublinhar aquele que seria um dos períodos mais instáveis e tumultuosos da longa e célebre história americana da Máfia, ou, mais propriamente, *La Cosa Nostra*, o seu nome em italiano, com o significado de «a coisa nossa».

O próprio Leonetti foi condenado pela participação em dez assassínios no âmbito do crime organizado.

Milhões de dólares em dinheiro fluíam a partir das atividades mafiosas tradicionais como o jogo, a agiotagem e a extorsão, ao mesmo tempo que outros milhões eram obtidos a partir da taxa altamente rentável aplicada por Scarfo às ruas do submundo, e ao desvio de fundos do Local 54, o maior sindicato de trabalhadores dos casinos de Atlantic City, uma fonte aparentemente inesgotável e que Scarfo e Leonetti consideravam o seu dinheiro em caixa para pequenas despesas.

Scarfo e Leonetti trabalhavam em estreita colaboração com patrões do crime de Nova Iorque, nomeadamente: Vincent «The Chin»

[O *Queixo*] Gigante, líder da poderosa família Genovese, o qual obstruiu durante décadas a aplicação da lei ao fazer-se passar por louco — passeando pelo seu bairro de Greenwich Village em roupão, a falar sozinho por entre dentes; e «the Dapper Don» [*Patrão Elegante*] John Gotti, o ambicioso patrão da família Gambino, famoso pelos seus fatos de dois mil dólares.

Scarfo e Leonetti eram considerados mafiosos de elite nos circuitos do submundo dos Estados Unidos, extremamente respeitados e temidos em igual proporção.

Por outras palavras, eles eram intocáveis.

Ou assim parecia.

À medida que o poder de ambos crescia, os esforços por parte do FBI e do departamento de justiça dos EUA para os deter aumentavam. Agora, eles eram os Inimigos Públicos n.º 1 e n.º 2.

Quando tudo terminou, a organização de Scarfo seria desmantelada e «Little Nicky», o seu líder supremo e Grande Executor, viria a ser condenado a prisão perpétua, escapando por pouco à pena de morte, na sequência de uma série de sentenças em tribunais estatais e federais no final da década de 1980 que abalou os alicerces do crime organizado de Filadélfia e Atlantic City. Os julgamentos incluíram os testemunhos de diversos vira-casacas da organização criminosa, que traíram o seu juramento sagrado do *omertà* [o código de silêncio da Máfia] e dispuseram-se a colaborar com o governo e a depor contra Scarfo, Leonetti e quinze dos seus homens.

Scarfo, agora com oitenta e três anos, continua preso na altura em que este livro é publicado, estando atualmente numa prisão de alta segurança dos EUA em Atlanta, depois de passar os últimos vinte e cinco anos em várias prisões federais de segurança máxima nos quatro cantos do país.

Leonetti viria a sofrer uma pena de prisão de quarenta e cinco anos pela sua vida de crime, condenado por assassinio e atividades criminosas. Contudo, «Crazy Phil» viria a cumprir apenas cinco anos, cinco meses e cinco dias da pena, depois de aceitar colaborar com o governo federal no ano de 1989, traíndo o seu tio Nicky Scarfo

e o juramento de sangue a *La Cosa Nostra*, à qual ele tinha prometido fidelidade eterna menos de uma década antes.

Aos trinta e seis anos de idade, Philip Leonetti, que se tornara o subchefe mais jovem na história da Máfia, conquistou a distinção altamente discutível de ser o membro em posição mais elevada do sindicato de crime nacional a fazer uma viragem radical e a colaborar com o governo.

As repercussões no mundo do crime foram idênticas às de um avião a sobrevoar o World Trade Center *antes* do 11 de setembro.

Foi algo de incomensurável; mas isso aconteceu, e o crime organizado do eixo Filadélfia-Atlantic City ficou em farrapos, com a sua infraestrutura tão afetada que mais de duas décadas depois ainda não se tinha recomposto.

Leonetti, a testemunha do governo, demonstrou ser exatamente tão mortífero como Leonetti, o assassino da Máfia. Dúzias de criminosos e cúmplices foram condenados em resultado direto do seu testemunho e ele tornar-se-ia um elemento fulcral na destruição dos patrões da Máfia de Nova Iorque, Vincent «The Chin» Gigante e John Gotti, e, o que é mais importante, da própria *La Cosa Nostra*.

Ao dar o seu testemunho por terminado, Leonetti refugiou-se numa vida confinada a um mundo altamente secreto: a ala de segurança para testemunhas de uma prisão federal remota, escondida num deserto poeirento do Arizona.

A acompanhá-lo, estaria Salvatore «Sammy the Bull» [Sammy, o Touro] Gravano, antigo patrão da família nova-iorquina Gambino, que seguiu os passos de Leonetti, desertando igualmente de *La Cosa Nostra*.

Por ironia, enquanto Leonetti e Gravano desfrutavam da sua vida lado a lado, sob o sol do Arizona, entregando-se a reminiscências sobre a sua época gloriosa no mundo do crime, Nicky Scarfo e John Gotti, os patrões que eles tinham traído, eram deixados a apodrecer, trancados durante todo o dia, à exceção de meia hora, no interior das celas de betão de uma das prisões federais mais rigorosas, situada em Marion, no Illinois.

No início da década de 1990, nos Estados Unidos, a Máfia ainda continuava a ser uma organização criminoso mortífera a nível nacional, mas tornara-se uma sombra do passado.

Leonetti, o homem que deixou o crime organizado de rastos, foi libertado da prisão e desapareceu ao abrigo do Programa de Proteção de Testemunhas, com uma nova identidade e um novo início de vida. Sem ter atingido ainda os quarenta anos, Philip Leonetti teve de começar de novo e reinventar-se por completo, e nada lhe teria dado maior satisfação.

Enquanto Gigante e Gotti acabariam por morrer nas prisões federais que se tornaram a sua casa, o tio de Leonetti, Nicodemo «Little Nicky» Scarfo, continua vivo e de boa saúde na sua prisão.

Scarfo jurou vingar-se e tem vindo a conspirar abertamente para matar o seu sobrinho, outrora tão amado, e a família deste. O demóníaco e vingativo Scarfo acabaria por oferecer uma recompensa de meio milhão de dólares a troco da cabeça do sobrinho, um prémio que se mantém até hoje, de acordo com o FBI.

Uma carta escrita em meados da década de 1990 por um Scarfo perturbado à sua mãe, a avó de Leonetti, traça um quadro arrepiante, já que o patrão da Máfia detido faz um conjunto de ameaças não muito veladas a Leonetti e a Nancy, a mãe deste, que é a própria irmã de Scarfo:

«Nunca irei esquecer esses animais e aquilo que fizeram a esta família, mas [a mãe] ainda tem afeto por eles, o que me leva a pensar que enlouqueceu. Quero que viva para sempre, mas que mantenha todos os seus sentidos para ver o que vai acontecer a essas bestas. Se tem amor àquela bruxa, é melhor que vá fazendo as suas orações por ela e pelo seu filho maluco, porque eu não preciso que rezem por mim e, acima de tudo, quero que DEUS SE FODA, também.»

Noutra carta, esta intercetada pelos serviços prisionais, um Scarfo mais contido escreveu aos seus advogados o seguinte:

«*Continuo a querer assistir um dia ao sofrimento destas pessoas, e é isso que me move.*»

Aquilo que move Philip Leonetti é a nova vida que encetou com a família, longe de Atlantic City e do mundo do crime, e, durante a última década ou mais, longe dos olhos vigilantes do FBI e da polícia federal dos EUA, que conduzem o Programa de Proteção de Testemunhas.

Escondido da Máfia e do governo, Philip Leonetti — acabámos por constatá-lo — estava, à semelhança de Osama Bin Laden e de «Whitey» Bulger, refugiado à vista de todos.

La Cosa Nostra [A Coisa Nossa]

AQUILO QUE CONHECEMOS COMO A MÁFIA NOS ESTADOS UNIDOS CORRESPONDE, NA VERDADE, À RAMIFICAÇÃO DE DIFERENTES SOCIEDADES SECRETAS DA EUROPA QUE REMONTAM HÁ VÁRIOS SÉCULOS. AS MAIS PROEMINENTES FORAM A MÁFIA SICILIANA — A ‘NDRANGHETA — E A CAMORRA, COM ORIGEM EM NÁPOLES.

A princípio, este tipo de organizações não tinha objetivos criminosos. Elas existiam para proteger os cidadãos comuns das suas regiões de um governo opressivo e corrupto que nada fazia para acautelar os interesses do vulgar trabalhador. Com o passar do tempo, à medida que todos estes grupos evoluíram, foram-se transformando em organizações criminosas e sofisticadas.

No final do século XIX e início do século XX, quando os imigrantes do continente italiano e da Sicília começaram a invadir as artérias das principais cidades americanas, um conjunto de reincarnações destas sociedades secretas com uma organização deficiente começou a ganhar forma, tornando-se uma constante em bairros étnicos de todo o país.

Surgiam ali gangues de rua com ligações ao velho mundo, que empreendiam uma vasta série de atividades ilegais. Com o advento da Lei Seca na década de 1920, muitos dos primeiros patrões da

Máfia tiveram a oportunidade de fazer grandes fortunas, à medida que os seus gangues de rua empreendiam operações ilegais de fornecimento de álcool a um público sequioso, ao mesmo tempo que davam origem a múltiplas manchetes nos jornais e a um banho de sangue ao digladiarem-se por motivos territoriais.

Em nenhum outro lado isto se tornou mais evidente que em Chicago, onde Al Capone, o gangster mais célebre do seu tempo, se tornou a cara do crime organizado nos Estados Unidos.

Nos primeiros tempos, a ligação entre os vários centros de crime que floresciam em todo o território dos Estados Unidos não existia ou era muito ténue. Mais tarde, começou a esboçar-se um movimento em prol da consolidação, com os patrões a constatarem que apenas ascenderiam ao verdadeiro poder e força com o estabelecimento de um sindicato de crime nacional.

Este sindicato de crime organizado na América passaria a ser conhecido por *La Cosa Nostra*, expressão italiana para «a coisa nossa».

A reunião inaugural desta nova organização sindical contaria com a participação dos patrões do crime de topo da nação, cerca de meia centena de homens a exercer atividades ilegais nas cidades dos EUA, da costa à contracosta. O encontro decorreu na primavera de 1929, no lendário Ritz Hotel, no mundialmente famoso passeio marítimo de Atlantic City. Esta cidade, conhecida como *O Recreio do Mundo*, estava minada pelo vício, tornando-se a primeira *Cidade do Pecado*, muito antes de a Las Vegas dos tempos modernos chegar sequer a ser considerada.

Casinos clandestinos, dançarinas em busca de dinheiro fácil e um caudal interminável de bebidas alcoólicas durante a Lei Seca tornavam esta cidade a escolha perfeita para uma reunião desta natureza.

Em 1931, dois anos mais tarde, deu-se a criação da Máfia americana moderna, no rescaldo de uma batalha repleta de morticínios que se travava no submundo e opunha um grupo de líderes do crime da velha escola, conhecidos por Mustache Petes, a um grupo de visionários do mundo do crime, jovens e ambiciosos, chefiados por um

homem com o nome de batismo de Salvatore Lucania, mais tarde conhecido por Charles «Lucky» Luciano. Com o grupo de Luciano a declarar vitória, o novo e ambicioso «Padrinho» convocou um encontro com os seus parceiros do crime em Chicago, expondo-lhes a sua ideia sobre o que viria a ser *La Cosa Nostra*.

A proposta de Luciano visava a criação de um sindicato de crime nacional formado por fações regionais do crime organizado, designadas por Famílias, as quais seriam conduzidas e administradas por um corpo de diretores com o nome de Comissão. Da Comissão fariam apenas parte os patrões do crime mais poderosos e respeitados — homens como Luciano e Capone.

O sindicato e as suas regras teriam uma estrutura paramilitar. Cada família era chefiada por um patrão, um subchefe, e um *consigliere*, ou conselheiro. A hierarquia da família incluía ainda um quadro de *capos*, ou capitães, cada um responsável por uma equipa de soldados e associados da família.

Todos os participantes na conferência do submundo organizada por Luciano e que teve lugar no Blackstone Hotel, no coração da famosa Miracle Mile, na Michigan Avenue da *Cidade do Vento*, manifestaram o seu acordo à proposta, prestando ainda um juramento unânime à recém-estabelecida *La Cosa Nostra*.

No seguimento do encontro das mentes criminosas mais importantes da nação em Chicago, foram criadas vinte e seis famílias da Máfia americana. Existia uma em quase todas as principais cidades do país, sendo as de Nova Iorque e de Chicago as mais importantes.

Em Filadélfia, John Avena, há muito um tenente às ordens de Salvatore Sabella, um líder da Máfia no tempo de Lei Seca, foi nomeado o primeiro patrão da Máfia da era moderna na cidade. Sabella defrontara Luciano na sua batalha contra os Mustache Petes, pelo que foi intimado a retirar-se e a entregar as rédeas do poder a Avena. A partir do momento em que assumiu o comando, Avena entrou em confronto com Joseph Dovi, um antigo aliado e também em tempos um tenente de Sabella. Sentindo-se desconsiderado pela promoção

de Avena, Dovi não demorou a desafiar a sua autoridade. Os dois homens e as respetivas fações lutaram entre si ao longo de quase cinco anos para o controlo das ruas, e o combate culminou na morte de Avena, o patrão, no ano de 1936.

Na década seguinte, Dovi assumiu o controlo da Máfia de Filadélfia, expandindo o território dominado pela família a partes dos Estados vizinhos de Nova Jérсия e de Delaware. Após a morte de Dovi de causas naturais, no ano de 1946, Joe Ida, outro antigo discípulo de Sabella, foi nomeado o novo patrão da cidade. Ida exerceu o seu comando sem restrições durante mais de uma década; contudo, esse reinado iria terminar na sequência da sua detenção no célebre encontro de patrões da Máfia nos Apalaches, em 1957, a qual acabou por ditar a sua deportação.

À semelhança da conferência de Atlantic City em 1929, a cimeira dos Apalaches tinha como objetivo reunir os líderes do crime organizado mais importantes do país. Porém, muitos destes homens foram detidos ao dirigirem-se para o pavilhão de caça a norte de Nova Iorque onde o encontro teria lugar. As autoridades policiais tinham sido avisadas e estavam à espera, enquanto os mafiosos convergiam para o local sem suspeitarem de nada.

No seguimento da deportação de Ida, Antonio «Mr. Miggs» Pollina ocupou as suas funções durante um breve período. Contudo, Pollina caiu rapidamente em desgraça junto dos membros da organização ao planear o assassinio de um popular capitão da Máfia, com o nome de batismo de Angelo Annaloro e que viria a ser conhecido por Angelo Bruno. Ao ter conhecimento do plano de Pollina para o assassinar, Bruno, um gangster astuto e sereno, e de atitude cavalheiresca, fez virar o feitiço contra o feiticeiro.

Recorrendo às muitas ligações que possuía no submundo de Nova Iorque, onde se incluía uma relação pessoal muito próxima com o poderoso Carlo Gambino, Bruno conseguiu levar a Comissão a destituir Pollina e a nomeá-lo seu sucessor.

Dando mostras de um nível de misericórdia raramente associado a homens da sua posição, Bruno poupou a vida a Pollina. Em vez de

o matar pela sua imprudência, obrigou o anterior patrão derrotado a retirar-se para uma situação de reforma.

Esta atitude controversa levou Bruno a ser alcunhado de «Don Docile» [*Don Brando*].

O que o mundo reservava a Bruno e aos que se movimentavam no crime organizado de Filadélfia, que agora incluía atividades ilegais na vizinha Atlantic City, seria tudo menos brando, principalmente a partir do momento em que Nicky Scarfo e o seu sobrinho Philip Leonetti assumiram o controlo.

O Jovem Philip

Chamo-me Philip Michael Leonetti, e nasci em 27 de março de 1953, em Filadélfia. O meu pai chamava-se Pasquale Leonetti e a minha mãe Annunziata Scarfo, embora todos a tratassem por Nancy. Eu nasci para esta vida, a Máfia, *La Cosa Nostra*. Para mim, era inevitável. Estava-me literalmente no sangue.

Os dois lados da minha família, os Leonettis e os Scarfos, imigraram para os Estados Unidos a partir de Nápoles e da Calábria, e ambas as famílias tinham fortes ligações com a Máfia em Itália antes do meu nascimento.

O meu avô, Christopher Leonetti, era um delinquente ligado à Máfia que fazia parte de um gangue de Manhattan, na *Little Italy*. Foi morto na década de 1920, quando o seu grupo tentou extorquir dinheiro a uns tipos, pensando tratar-se de uns imigrantes cretinos de quinta categoria, uns sebosos, mas que vieram a revelar-se gangsters sicilianos de alto calibre. Eles acabaram por dar cabo dele e deixaram-no estendido na rua.

Enquanto crescia, o meu tio Nick costumava dizer-me: «Os sicilianos, os *siggys*, não são como nós, não podemos confiar neles.» Isso é algo que nunca esqueci.

O meu pai, Pasquale Leonetti, era um jogador bastante respeitado, escolhido por Angelo Bruno para fiscalizar uma grande parte do jogo de cartas e dados que a Máfia geria e operava na zona Sul de Filadélfia e nos arredores, entre o final da década de 1950 e princípio da década de 1960. O Angelo Bruno era o patrão da Máfia de Filadélfia; ele era o Padrinho.

Na altura, a Máfia explorava o jogo nas traseiras de quase todos os restaurantes, bares de bairro, lojas de esquina e clubes associativos da South Philly.¹ Os tipos que vagueavam pelas ruas dos bairros frequentavam estas espeluncas para jogar, beber, fumar e livrarem-se das mulheres e das namoradas durante umas horas, e a Máfia ganhava dinheiro, servindo-lhes isso de bandeja.

Primeiro que tudo, a Máfia explorava o jogo, o que implicava que ganhava mais do que perdia. É sempre a casa quem fica a ganhar. Depois, vendia bebidas alcoólicas aos jogadores, ganhando dinheiro com as bebidas, logo à partida, e os jogadores ficavam bêbados e acabavam por jogar mais do que deviam. Era então que os mafiosos das casas de jogo chamavam o jogador à parte para lhe emprestar dinheiro com juros exorbitantes, para que ele continuasse a beber e a jogar, ou usasse o dinheiro para pagar a renda de casa ou a conta da eletricidade.

Se um tipo pedia dez mil dólares emprestados e o usurário lhe cobrava dois por cento, ele tinha de pagar duzentos dólares de juros semanais — aquilo que se designava por *vig* ou *juice*, o imposto sobre o jogo — e continuava a dever os dez mil dólares. Se, por exemplo, ele levasse dez semanas para saldar a conta, acabaria por pagar doze mil dólares sobre um empréstimo de dez mil. Se precisasse de um ano para os pagar, desembolsava dez mil dólares de juros e continuava a ter

¹ Alcinha para South Philadelphia, ou Sul de Filadélfia, zona onde se concentra uma vasta comunidade de habitantes de ascendência italiana. [N. do T.]

uma dívida de dez mil. É assim que a Máfia faz o seu dinheiro acima de tudo, até nos dias de hoje — através do jogo ilegal e da agiotagem.

Quanto ao meu pai, ele tinha a fama de ser um jogador sério, não só no Sul de Filadélfia, mas também em Nova Jérсия e até em Nova Iorque. Era tão conhecido e respeitado, que Walter Winchell, o famoso jornalista, escreveu um artigo acerca dele. Foi isso que levou o Ange a escolher o meu pai para orientar o jogo. Ele tinha essa categoria. Contudo, no que respeita ao papel de pai, ele não tinha categoria nenhuma; era um falhado.

Ao entrar em maré de azar, Pasquale deixou de orientar os jogos principais da Máfia para se tornar um credor da organização, devido ao dinheiro que pedira emprestado e não conseguira pagar ao tentar a sua sorte ao jogo. Pasquale Leonetti chegara ao fim da sua carreira.

Pasquale abandonou Filadélfia rumo ao sul, para a Flórida, quando Philip era ainda um bebé, deixando Nancy e o filho à mercê da sorte. Angelo Bruno tinha-se apropriado dos negócios falhados de Pasquale como forma de pagamento das suas dívidas. Philip e a mãe ficaram sem nada.

Nessa altura, os pais de Nancy, Philip e Catherine Scarfo, também tinham saído do Sul de Filadélfia, deslocando-se para Atlantic City a cerca de cem quilómetros de distância. Aquela que fora em tempos uma estância balnear fluorescente, atravessava um período difícil, sendo encarada como uma zona decadente no início da década de 1960. Passara literalmente da ascensão à queda.

Os Scarfos compraram dois prédios interligados, o 26 e o 28 da North Georgia Avenue, localizada no enclave italiano da cidade conhecido por Ducktown. Eram edifícios de quatro andares, situados a pouco mais de dois quarteirões do mundialmente famoso passeio marítimo de Atlantic City e das praias de areia dourada banhadas pelo Oceano Atlântico, e rodeados de outros edifícios de estrutura idêntica.

O pai de Nancy, Philip Scarfo, trabalhava no prestigiado Chalfonte-Haddon Hall Hotel de Atlantic City.

O meu avô, Philip Scarfo, era um homem admirável. O meu nome é uma homenagem a ele. Quando eu era pequeno e vivíamos no Sul de Filadélfia, ele tinha uma carroça e um cavalo por causa do seu trabalho, e costumava levar-me a passear pelo bairro. Também me levava a apanhar caranguejos. Foi um bom trabalhador durante toda a vida e nunca se envolveu com a Máfia ou nada que fosse ilegal. Cumpria a lei a cem por cento.

Quanto à mãe de Nancy, Catherine Scarfo, esta era uma dona de casa e uma católica devota que ia à missa todas as manhãs na igreja de St. Michael's situada a menos de cinquenta metros da casa dos Scarfos.

A minha avó era a típica matriarca italiana da velha escola. Todos os netos a tratavam por «mom-mom» . Ia sempre à missa de manhã, e os cozinhados dela, meu Deus... ninguém cozinhava assim! Era uma pessoa excepcional, um ser único. Na vizinhança, todos gostavam dela; quando alguém tinha um problema ou precisava de um conselho, aparecia lá em casa para falar com a «mom-mom» .

Os três irmãos da avó, Nick, Joe e Mike Piccolo, eram soldados respeitados da família Bruno, a qual operava em Filadélfia, embora mantivesse uma presença forte em Nova Jérquia, principalmente nas cidades de Trenton, Newark e Atlantic City. Cada um deles tinha sido mimoseado com a mesma alcunha: eram conhecidos por «Nicky Buck» [*Dólar*], «Joe Buck» e «Mikey Buck», respetivamente. Os três eram proprietários e gerentes do Piccolo's 500, um poiso afamado da Máfia que se tornou um restaurante e clube popular no Sul de Filadélfia. Michael «Mikey Buck» Piccolo era o padrinho de Philip Leonetti.

O meu tio-avô Mike costumava levar-me à pesca quando eu era miúdo, juntamente com o meu primo Ronald. Era um homem afável, um cavalheiro. O meu tio-avô Nick Piccolo, «Nicky Buck», era irmão da minha mãe e estava casado com uma irmã do meu pai, a minha tia Mary.

Esta união fortaleceu os laços entre os Scarfos e os Leonettis. E Philip ainda tinha o seu tio Nick.

O Tio Nick

NICODEMO DOMENIC SCARFO NASCEU A 8 DE MARÇO DE 1929, FILHO DE PHILIP E CATHERINE SCARFO, EM BROOKLYN, NOVA IORQUE. EM 1941, QUANDO TINHA DOZE ANOS DE IDADE, A FAMÍLIA SCARFO, DE ONDE AGORA TAMBÉM FAZIA PARTE A IRMÃ MAIS NOVA, ANNUNCIATA [NANCY], SAIU DE NOVA IORQUE E INSTALOU-SE NO SUL DE FILADÉLFIA, NA ALTURA DENSAMENTE POVOADO POR FAMÍLIAS ITALIANAS DE SEGUNDA GERAÇÃO.

Quando era rapaz, Scarfo passava os verões a trabalhar nos campos de mirtilo que prosperavam em Hammonton, na Nova Jérсия. Conhecida como a capital mundial de mirtilo, Hammonton é uma pequena cidade situada a quase cinquenta quilómetros a oeste de Atlantic City. Fica encaixada no meio de um corredor com aproximadamente cem quilómetros de comprimento que interliga as duas cidades através da autoestrada de Atlantic City. Scarfo aprendeu em primeira mão o que era a vida árdua de um trabalhador, uma vida de que ele não queria fazer parte em adulto. O seu grande sonho não incluía uma vida a apanhar mirtilos. Para ele, as pessoas que trabalhavam para viver eram «cretinas», e Nicky Scarfo não se considerava um «cretino».

Scarfo, que viria a ser tratado por «Little Nicky» devido ao seu tamanho diminuto, tinha apenas um metro e sessenta e cinco de altura. Foi eleito o mais falador pelos colegas da escola secundária Benjamin Franklin, que ele terminou em 1947, e podia ler-se no livro de final de curso desse mesmo ano que ele estava preparado para «arrasar o mundo». Aquilo que Scarfo tinha a menos em tamanho era compensado pelo seu destemor. Apesar da sua estatura, dedicou-se à prática de boxe antes dos vinte anos, adotando o nome de Nicky Scarfo, e alcançou um recorde impressionante de vitórias em pequenos clubes de boxe nos circuitos da modalidade em Filadélfia. No entanto, à chegada da década de 1950, o peso-pluma Scarfo concluiu que estava mais vocacionado para uma vida fora dos ringues.

Nicky Scarfo queria ser um gangster, exatamente igual àqueles artistas de cinema mafiosos que ele admirava nos filmes de ação das salas de cinema para onde entrava à socapa em miúdo. Estrelas como Paul Muni em *Scarface*, o clássico de gangsters de 1932, e não as estrelas do basquetebol do final da década de 1949, como Stan Musial e Ted Williams, eram os ídolos de Nicky Scarfo. Tal como a treta do trabalho, para «Little Nicky» os atletas também eram uns «cretinos».

É triste dizê-lo, mas o meu tio desprezava o próprio pai por ele ser um trabalhador esforçado e não um bandido. Nunca lhe faltou abertamente ao respeito. Mas eles não eram chegados. O meu tio ambicionava apenas uma coisa na vida, ser um gangster, e logo desde muito novo.

No final da década de 1940 e início da década seguinte, Scarfo encetou a sua aprendizagem no mundo do crime, trabalhando como empregado de bar e corretor de apostas no Piccolo's 500, onde as primeiras lições sobre os meandros de *La Cosa Nostra* lhe foram ministradas pelos tios, os irmãos Buck. Ao mesmo tempo que Nicholas «Nicky Buck» Piccolo punha o sobrinho a par de todas minudências dos negócios da Máfia — como ser um corretor de apostas e ge-

rir o jogo de lotaria, por exemplo — Felix «Skinny Razor» [*Navalha Afilada*] DiTullio, um dos assassinos profissionais mais temidos da Máfia, ensinava-o a matar.

A primeira vez que o meu tio matou alguém, fê-lo na companhia do «Skinny Razor». Havia um tipo em South Philly que era dono de um lugar de fruta; chamavam-lhe Huckster [*Vendedor Ambulante*]. O irmão do Huckster tinha-se metido em sarilhos com o «Skinny Razor» e este foi autorizado a matá-lo. Assim, ele e o meu tio foram até à loja que o indivíduo possuía no Sul de Filadélfia. Caía um grande nevão, pelo que ele os deixou entrar na loja, e eles mataram-no. Apunhalaram-no até à morte. No fim, cortaram-lhe os testículos e enfiaram-nos na boca. Foi assim que o meu tio aprendeu a ser um assassino, numa companhia como a do «Skinny Razor».

Felix «Skinny Razor» DiTullio simpatizou desde logo com o jovem Scarfo, e «Little Nicky» era um estudante esforçado. Os dois estavam unidos pela sede de sangue, e «Skinny Razor» instruiu Scarfo sobre a arte de matar numa associação criminoso. Uma aptidão que este haveria de cultivar, aprimorar e acabar por dominar na perfeição.

No ano de 1954, aos vinte e cinco anos de idade, Nicodemo «Little Nicky» Scarfo adquirira no submundo a reputação que ambicionara: era conhecido por ser um assassino furioso, em larga medida graças aos ensinamentos do seu mentor na Máfia, «Skinny Razor» DiTullio. Este e o tio de Scarfo, Nicholas «Nicky Buck» Piccolo, propuseram a admissão de Scarfo a *La Cosa Nostra*, pelo que ele foi solenemente iniciado na organização por Joseph Ida, na altura o patrão da Máfia de Filadélfia, numa cerimónia oficial, organizada no Sans Souci, um restaurante e bar em Cherry Hill, na Nova Jérсия, a seguir à ponte do Center City Philadelphia.

Na mesma cerimónia, dois dos tios de Scarfo, Tony e Mike Piccolo, os irmãos mais novos de Nicholas «Nicky Buck» Piccolo, foram igualmente iniciados na Máfia.

Nicky Scarfo concretizara o seu sonho: era um mafioso autêntico, um homem com o futuro garantido.

As quintas de mirtilo de Hammonton tinham passado à história. Ele não voltaria a ser um trabalhador esforçado, um civil, um «cretino».

Naqueles tempos, em Filadélfia, era muito pouco comum ser-se investido com uma idade tão jovem. O meu tio só tinha vinte e cinco anos. Os tios dele, o Tony e o Mike Buck, que foram admitidos na mesma altura, tinham o dobro da idade — perto de cinquenta anos.

Já nessa época, Nicky Scarfo seguia a via mais rápida de *La Cosa Nostra*.

Como costumava andar com o «Skinny Razor», o meu tio teve a oportunidade de conhecer muitos gangsters de Nova Jérсия e de Nova Iorque, os quais o respeitavam porque conheciam a fama de «Skinny Razor», como um assassino impiedoso. Nas ruas, ele era igualmente temido e respeitado, e o meu tio admirava-o. Queria apenas ser como ele.

Em 1957, com Pasquale fora de cena, Nancy e o seu filho Phillip, de quatro anos, iriam mudar-se de Filadélfia para o complexo familiar dos Scarfos, já a acusar os efeitos da passagem de uma década.

Nancy arranjou um emprego em Atlantic City, no Bureau of Children Service, um centro de assistência infantil com serviços de adoção e de apoio a crianças desfavorecidas. Sem contar com a presença do pai, Philip começou a aproximar-se do irmão mais velho de Nancy, o seu tio Nick, à procura de uma figura paternal.

Nessa altura, na Georgia Avenue, viviam apenas a minha mãe, os meus avós e eu. O meu pai tinha partido. Eu não passava de um miúdo, com uns cinco ou seis anos talvez. O meu tio ainda vivia no Sul de Filadélfia, mas era frequente ele aparecer para fazer-nos uma visita ou tratar de negócios com o «Skinny Razor».

Nas décadas de 1950 e 1960, Felix «Skinny Razor» DiTullio era um capitão da Máfia, um *caporegime*, e o patrão principal de Filadélfia na costa da Nova Jérсия. E Nicky Scarfo estava rapidamente a caminho de se tornar o seu protegido principal.

A bisavó de Philip, mãe de Catherine Scarfo, faleceu quando ele tinha sete anos de idade, e o velório e funeral ainda permanecem na sua memória, decorridas mais de cinco décadas.

Naqueles tempos, os velórios italianos duravam três dias. Lembro-me da minha avó e dos irmãos dela, os irmãos Piccolo — Joe, Mike e Nick — de pé, junto do caixão, e de todas aquelas pessoas passarem por lá a apresentar as suas condolências. Eu estava no meio delas, junto do meu tio Nick, quando um homem entrou, rodeado de vários indivíduos. Toda a gente se aproximou para o cumprimentar, apertar-lhe a mão ou beijá-lo na face. Lembro-me que o homem parecia ser muito importante, como se fosse um presidente. Então, perguntei ao meu tio: «Quem é aquele homem?» E ele respondeu: «Aquele é o Angelo Bruno, o patrão da família.» E embora eu tivesse apenas sete anos, compreendi aquilo de que ele falava.

Ao crescer, comecei a passar mais tempo com o meu tio. Era como se ele fosse meu pai, já que o meu pai verdadeiro tinha partido. Quando estávamos sozinhos, ele costumava falar-me sobre tudo o que significava *La Cosa Nostra*, de como éramos diferentes de todos os outros e que tínhamos certas regras que havia que respeitar. Esta foi a forma em que fui criado desde miúdo.

Quando Philip tinha oito anos idade, o seu tio Nick recebeu uma ordem do seu mentor, Felix «Skinny Razor» DiTullio. Um associado da Máfia indisciplinado, Dominick «Reds» Caruso tinha faltado ao respeito a Joseph «Joe the Boss» [Joe, o Patrão] Rugnetta, o *consigliere* ou conselheiro do patrão da família, Angelo Bruno. E Bruno determinara que fosse expressamente Nicky Scarfo, o protegido de

«Skinny Razor» em ascensão, a superintender o assassinio. Scarfo aceitou esta ordem com prazer, a qual lhe dava assim a oportunidade de provar a Bruno e a DiTullio que ele era um assassino competente, um verdadeiro gangster.

Para matar «Reds» Caruso, Salvatore Chuckie Merlino, um dos amigos de Scarfo de longa data, iria a casa dele no Sul de Filadélfia e dizia-lhe que Scarfo queria vê-lo. Como numa cena extraída do mesmo género de filmes que ele tanto apreciava, Scarfo induziu Caruso a ficar num estado de descontração, levando-o a um bar em Vine-land, na Nova Jérquia, pertencente a um associado da família Bruno. Outros dois associados de Bruno, Santo «Little Santo» [*Santinho*] Romeo e Anthony Casella, encontravam-se no interior do bar, com Romeo a assumir as funções de empregado de bar.

Pouco depois de lá chegarem, Scarfo não perdeu tempo a executar a ordem. «Little Nicky» sacou da pistola e disparou seis tiros à queima-roupa sobre Caruso. Porém, «Reds» Caruso não morreu de imediato.

O meu tio contou-me que o indivíduo ficou a jazer no chão, depois de ser atingido, e que lhe disse: «Apanhaste-me, Nick.» O meu tio pegou num picador de gelo e cravou-lho nas costas as vezes que foram precisas até ele morrer. Disse-me que o espetou com tanta força que o picador ficou cravado nas costas e se partiu quando ele tentou arrancá-lo.

Mas matar Caruso não era suficiente; Bruno, de origem siciliana, queria que ele fosse morto de determinada maneira para fazer passar uma mensagem. E, embora tivesse determinado que fosse Scarfo a superintender o assassinio, ele queria que este fosse executado por outro mafioso em ascensão.

O Ange tinha dado ordens para o «Reds» Caruso ser estrangulado até à morte, e não abatido a tiro, já que ele tinha falado com «Joe the Boss» de uma maneira desrespeitosa; por isso, o Santo

Idone teria de o estrangular e fazer passar a mensagem de que fora a língua dele que o levara à morte. Aqueles *siggys* eram qualquer coisa quando se tratava de fazer passar uma mensagem.

O que aconteceu é que o Santo Idone chegou ao bar atrasado e o meu tio já tinha matado o indivíduo na altura em que ele apareceu. Ora, quando o patrão diz que quer que um tipo seja morto e que ele tem de morrer de determinada maneira, é isso que tem de se fazer. Por isso, quando o Santo chegou lá, o meu tio tinha estrangulado o cadáver com uma corda e deixado marcas em volta do pescoço, só para o caso de o corpo vir a ser encontrado e o Ange confirmar que ele tinha sido estrangulado conforme a ordem que dera.

A partir desse momento, Scarfo iria contar com um aliado para toda a vida na pessoa de Santo Idone, o qual era originário da Calábria, a mesma região de Itália de onde a família de Scarfo era originária.

O meu tio contou-me que o Santo lhe disse: «Obrigado por me safares, Nick. Nunca irei esquecer isso», e que o meu tio retorquiu: «Tu e eu somos calabreses; temos de nos manter unidos no meio destes *siggys*.»

A equipa de assassinos, chefiada por Scarfo, deixou o corpo inerte de Caruso no bar, enquanto outro grupo removia o corpo e o transportava para um local diferente, onde se supunha que estava um terceiro grupo para abrir um buraco e enterrar o cadáver depois de o cobrir de cal para acelerar a decomposição.

Mas o que se passou é que ainda tinham arranjado um quarto grupo para desenterrar o corpo e levá-lo para um novo sítio, para que quem tinha executado o assassinio, quem tinha levado o corpo e quem o enterrara da primeira vez não fizesse ideia sobre o local onde ele se encontrava, no caso de alguém desertar e vir a denunciá-los.

Enquanto o corpo crivado de balas de Caruso, conservando ainda uma parte do picador de gelo alojado nas costas, jazia no interior de uma sepultura improvisada no Sul de Jérсия, Scarfo ainda tinha trabalho a fazer.

O «Skinny Razor» pretendia que o meu tio trouxesse de novo para Filadélfia o camião utilizado para levar o corpo, a fim de este ser destruído — para eliminar todas as pistas relativas ao assassinio. O meu tio resolveu levar-me com ele, pensando que despertava menos suspeitas se fosse ao volante de um camião acompanhado por um miúdo. Na altura, eu tinha oito anos de idade. Durante a viagem, ele disse-me que tinha matado um homem muito mau na noite anterior e que precisava que eu o ajudasse a livrar-se do camião usado para transportar o corpo. Ali estava eu, um miúdo de oito anos, e aqueles tipos a quem eu admirava a precisar da minha ajuda. Eu achava que estava a fazer o que era certo, depois de o meu tio me dizer que o homem que tinham matado desobedecera às regras, porque quando as regras são quebradas é isso que acontece. Era isso o que significava *La Cosa Nostra* — regras. Compreendi-o desde muito tenra idade. O meu tio passava o tempo a falar-me das regras e a dizer que elas não podiam ser violadas. Recordo-me de ele me contar como tinha matado o indivíduo, como tinha disparado sobre ele e o apunhalara com um picador de gelo, e aquilo que os outros lhe tinham dito. Ao olhar para trás, eu não pensava que isso tivesse alguma coisa de errado.

No jovem mundo de Philip, a vida de todos os dias e o crime organizado eram intermutáveis.

O meu tio ensinou-me como era a nossa vida, a Máfia, *La Cosa Nostra*, desde muito cedo. Para mim, era algo natural, quase instintivo. Recordo-me de saber simplesmente o que aquilo significava sem que fosse preciso alguém descodificá-lo. Eu compreendia o que aquilo era.

Todos os homens por quem sentia admiração faziam parte desse mundo, por isso, era natural que eu quisesse fazer parte dele também. Quando tinha dez anos, o meu tio ensinou-me a disparar. Costumava levar-me a caçar e os dois disparávamos com pistolas de calibre .22. Ele dizia que saber usar uma arma era importante para a minha vida. Ainda que eu fosse muito miúdo, o meu tio Nick tratava-me sempre como um adulto. Não lidava comigo como se eu tivesse dez ou onze anos de idade. Eu desejava fazer tudo o que ele fazia. Queria apenas ser igual a ele. Na minha cabeça, ele era um homem honrado e respeitável.

É evidente que ele era um tio muito diferente dos outros. Quero dizer, ele não andava a brincar comigo ao agarra-e-foge no pátio ou a treinar a minha equipa de basquetebol da Little League. Ele andava a ensinar-me a disparar uma pistola e a matar, e a saber o que fazer para eliminar todas as pistas. Este foi o género de coisas com que cresci. E que me pareciam completamente normais. Era como se eu fosse a Marilyn, naquela série antiga da televisão, *The Munsters*, o único elemento humano da família e que vivia rodeado de personagens estranhas, mas eu nunca parava sequer a refletir sobre isso. É assustador pensar como aquilo era tão natural.

Na altura em que Philip se preparava para iniciar o segundo ciclo do ensino básico na escola de Michael's em Atlantic City, o seu tio teve de enfrentar o primeiro conflito sério com a lei.

Em maio de 1963, quando o meu tio e o Chuckie Merino foram ao Oregon Diner, no Sul de Filadélfia, o meu tio começou a discutir com um estivador, um indivíduo irlandês de grande estatura. E o meu tio é pequeno; mede apenas um metro e sessenta e cinco de altura e pesa pouco mais de sessenta quilos. Os dois estão a discutir por causa de uma mesa e o tipo agarra-se ao pescoço do meu tio e começa a apertá-lo. Enquanto o faz, empurra o meu tio contra o balcão.

Ao sentir-se a sufocar, o meu tio estende a mão para o balcão, arrebatava uma faca de manteiga, e espetava-a no peito do indivíduo. A faca foi direta ao coração e causou-lhe a morte. O meu tio adorava esta história e contar como ele tinha esventrado aquele irlandês matulão. Pela maneira como a contava, poderia pensar-se que ele falava em bater um *home run*² para ganhar a final do campeonato de basebol. O meu tio dava-lhe um ar dramático. Estendia as mãos e imitava o que o tipo tinha feito ao apertar-lhe o pescoço, mostrando como ele o tinha sufocado, para depois demonstrar como pegara na faca e a espetara diretamente no seu coração. Sentia-se muito orgulhoso de si próprio por ter matado um indivíduo maior que ele com uma faca de manteiga.

Nicky Scarfo declarou-se culpado de homicídio involuntário pela morte William Dugan, o indivíduo irlandês do restaurante. Recebeu apenas uma pena de prisão de vinte e três meses. Saiu menos de um ano depois para se reunir ao resto da sua família em Atlantic City, deixando Filadélfia para trás... por enquanto.

DUCKTOWN

EM MEADOS DA DÉCADA DE 1960, DUCKTOWN ERA UM PEQUENO BAIRRO COESO DE ATLANTIC CITY, HABITADO POR IMPORTANTES FAMÍLIAS ITALIANAS DA CLASSE TRABALHADORA, COM APELIDOS COMO RANDO, FORMICA, DIGIACINTO, MATTEO, BASILE, SACCO E MANCUSO.

² Jogada no basebol em que uma bola é batida pelo «batedor» de forma válida, para fora dos limites do campo, dentro das linhas de jogo. [N. do T.]

E, agora, esta passava a ser a casa dos Scarfos e dos Leonettis.

Composto por um conjunto diminuto de pequenos quarteirões, Ducktown abrangia as avenidas Texas, Florida, Georgia, Mississippi e Missouri, numa área compreendida entre as avenidas Atlantic e Fairmount, e a baía. O bairro recebeu o nome de Ducktown, devido às explorações de patos³ construídas ao longo da baía. Fazia-se ali a criação de aves de capoeira e aquáticas, que depois eram abatidas e vendidas nos mercados da zona.

Ducktown era a *Little Italy* de Atlantic City. A menos de dois quarteirões do sítio onde vivíamos, na Georgia Avenue, ficava a White House, a melhor loja de sanduíches do mundo. Toda a gente já tinha estado lá — os Beatles, Muhammad Ali, Frank Sinatra, seja quem for... Todos eles foram comer à White House.

O Angelo's e o Angeloni's, dois dos melhores restaurantes italianos da cidade ficam a dois quarteirões de distância. Antes de o Angeloni's ter esse nome, chamava-se Madrid. Logo à esquina, havia a Dock's Oyster House, que servia o melhor marisco de Atlantic City. O mercado de peixe Barbera's e as melhores padarias italianas da cidade — a Rando's, a Formica's e a Panarelli's — ficavam à distância de um ou dois quarteirões.

Logo a seguir ao Angeloni's, na Arctic Avenue, havia um café chamado Tommy Howe's. Os homens mais idosos costumavam frequentá-lo para jogar à lotaria, e decorria ali permanentemente um jogo de cartas. Em miúdo, o meu avô costumava levar-me lá, quando saíamos os dois. Sempre que estava em Atlantic City, o Joe DiMaggio era um cliente habitual, e eu via-o na companhia dos amigos do bairro, a jogar às cartas ou a beber café. Isto passava-se a menos de cinquenta metros da nossa casa.

Na esquina da Missouri com a Atlantic, ficava o Skinny D'Amato's 500 Club, o maior clube noturno da época. Havia

³ No original *duck houses*, cuja tradução literal seria *casas de patos*. [N. do T.]

peessoas que se deslocavam de Filadélfia e de Nova Iorque para ir lá. Todas as noites, havia uma fila à entrada que dava a volta ao quarteirão. Frank Sinatra, Dean Martin, Sammy Davis Jr. — todos atuaram ali. Como o Skinny era amigo do meu tio, conseguíamos arranjar sempre os melhores lugares da sala.

Recordo-me de um indivíduo a quem chamávamos «Blah Blah Buckets» [*Montes de Blá Blá*]. Ele era mais velho, e os miúdos do bairro gozavam com ele. Acho que trabalhava no 500 Club. Era completamente chanfrado. Andava sempre a perseguir alguém pela rua, a praguejar e a fazer ameaças de morte. Passava os dias ali, e os miúdos nunca se cansavam de o provocar. Se estivéssemos na rua o tempo suficiente, era certo e sabido que víamos um grupo de miúdos a correr, com o Blah Blah atrás deles, a jurar que os matava.

Diverti-me muito enquanto cresci ali; aquela era a minha casa.

Nessa altura, a rotina semanal de Philip incluía acordar às 6h30, às sextas-feiras, e percorrer um quarteirão e meio para passar pelo mercado de peixe Barbera's, na Mississippi Avenue, onde comprava peixe fresco que levava às freiras, a trabalhar e a viver em St. Michael's, a igreja católica do bairro e homónima da escola anexa que ele frequentava. As traseiras da escola ficavam do outro lado da rua do complexo dos Scarfos.

Todos os que viviam no bairro iam à St. Mike's. Eu ia à missa todas as manhãs, antes de entrar na escola, e também aos domingos com a minha avó.

Depois de cumprir a pena de prisão pela morte do tipo do Oregon Diner, o meu tio saiu do Sul de Filadélfia e veio viver connosco na Georgia Avenue. À época, viviam ali os meus avós, a minha mãe, eu, o meu tio e a mulher dele, Mimi, e foi nessa altura que nasceu o Nicky Jr. As coisas acalmaram durante algum tempo, e dois anos mais tarde, preparei-me para entrar na escola secundária.

Ao concluir os estudos na St. Michael's, Philip iria para a escola secundária Holy Spirit, situada em Absecon, na Nova Jérssia, a pouco mais de quinze quilómetros de distância da casa de família dos Scarfos em Ducktown.

Jogava basquetebol na Holy Spirit com muitos miúdos do bairro, e tínhamos uma boa equipa. O meu tio costumava assistir aos jogos. Sentava-se nas bancadas e aceitava apostas para o jogo, ali mesmo no ginásio. Existia até um indivíduo chamado Hoffman que costumava publicar a lista de apostas sobre os jogos no jornal local. Sempre que a nossa equipa jogava, aquilo era um acontecimento.

Um dos jogadores, residente em Ducktown e colega da Holy Spirit, chamado Chris Ford, acabaria por ir para a universidade de Villanova, e depois para a NBA, a liga norte-americana de basquetebol, onde esteve ao serviço dos Detroit Pistons e dos Boston Celtics. Ao terminar a sua carreira como jogador, Ford dedicou-se a treinar equipas da NBA, em Boston, Milwaukee, Los Angeles e Filadélfia.

Chris Ford representava muito para os miúdos de Ducktown, não só por ser um atleta espantoso, mas também por ser um de nós. Ele foi criado ali, na Missouri Avenue, por cima do Capone's Bar. Mais tarde, Harry, o irmão dele, veio morar para um dos apartamentos do nosso prédio, e informava-nos sempre sobre quem passava por ali quando nos ausentávamos. Passava os dias na varanda por cima do nosso escritório — que funcionava no rés do chão do 28, da North Georgia Avenue a fumar um cigarro e a observar o que acontecia no bairro. Quem chegava, quem partia. Também ajudava a minha mãe e a minha avó quando o meu tio não estava. O meu tio dava-lhe sempre algum dinheiro.

Ainda que Ducktown possa ter sido um local próspero e cheio de atividade entre meados e o final da década de 1960, a restante

Atlantic City era uma cidade desolada e já longe do seu esplendor como o *Recreio do Mundo* de há vinte anos. Nicky Scarfo sobrevivia à custa das atividades tradicionais da Máfia, como as apostas de jogo, a extorsão e a agiotagem para sustentar a família.

O «Skinny Razor» morreu em 1966, pelo que o meu tio passou a ser a figura mais poderosa na Máfia em Atlantic City. Ele herdou basicamente aquilo que pertencia ao «Skinny Razor», e o Ange deu-lhe permissão para o gerir conforme lhe parecia melhor. O jogo da maior parte da cidade estava nas suas mãos. Ele geria as apostas e fazia pequenos empréstimos, mas enfrentava algumas dificuldades, já que os negócios não abundavam na época. Abriu com um amigo chamado «Tommy Butch» um estabelecimento a que deram o nome de Penguin Club, e estava igualmente ligado a dois locais sórdidos para apostas de jogo com um indivíduo chamado Alvin Feldman, que se apelidava a si próprio de «King of the Jews» [*Rei dos Judeus*].

Não ganhava muito dinheiro, mas o dinheiro não era importante para ele na altura. Costumava dizer: «O dinheiro vai aparecer, mas esta coisa tem a ver com o respeito e a honra, e não com o dinheiro.» Estava a ficar conhecido no seio da organização de Bruno e era isso que lhe interessava acima de tudo — a sua reputação.

Enquanto as freiras da Holy Spirit instruíam Philip nas noções básicas do inglês, da álgebra e da história, o seu tio Nick continuava a educá-lo sobre as atividades da Máfia.

Ele estava sempre a falar-me de *La Cosa Nostra*. O tempo inteiro. Dizia-me que nunca se comete uma traição nessa vida, que se mantém a boca fechada e que cada um trata dos seus assuntos. «Nunca discutimos os negócios com as mulheres e não falamos da nossa vida a estranhos. Não podes contar nada

a ninguém: isto fica apenas entre ti e mim», dizia, e acrescentava: «Se queres envolver-te comigo nesta coisa, só por eu ser teu tio, não posso ajudar-te.» Ele explicava que eu tinha de fazer as coisas à minha maneira e ser eu próprio. Nessa altura, eu estava preparado. Queria ser como ele. Queria seguir o seu caminho.

Com o tio na iminência de iniciar a sua segunda permanência na cadeia, Philip ia dispor da oportunidade para fazer isso mesmo.

YARDVILLE

EM 1971, NA ALTURA EM QUE PHILIP CONCLUÍA O ENSINO SECUNDÁRIO, NICKY SCARFO FOI CHAMADO A DEPOR PERANTE A COMISSÃO DE INVESTIGAÇÃO DO ESTADO DE NOVA JÉRSIA [SCI] QUE INVESTIGAVA A INFILTRAÇÃO DO CRIME ORGANIZADO EM VÁRIOS SINDICATOS DE TRABALHADORES.

Depois de se negar a responder a todas as perguntas, inclusive a dizer o seu nome, Scarfo foi acusado de desrespeitar o tribunal e condenado a uma pena de prisão por tempo indeterminado. Enviaram-no para a prisão estatal de Yardville, na periferia de Trenton, em Nova Jér-sia, na companhia de outras figuras poderosas do crime organizado, onde se incluía o patrão da Máfia de Filadélfia, Angelo Bruno.

Se aceitasse a ordem judicial para testemunhar perante a SCI, Scarfo teria sido libertado, contudo, em vez disso, ele seguiu a mesma regra que ensinara ao seu sobrinho Philip e recusou-se a depor.

Scarfo iria passar os dois anos seguintes atrás das grades.

Com provas já dadas de ser um assassino, «Little Nicky» demonstrava agora que sabia manter a boca fechada.

Além de Scarfo e Bruno, encontravam-se ali Jerry Catena, há muito tempo o patrão principal da Máfia de Nova Iorque, Nicky Russo,

o capitão da Máfia de Trenton, Ralph «Blackie» [O Pretinho] Napoli, o gangster do Norte de Jérsia, e os *capos* da família Genovese, Anthony «Little Pussy» [Bichano] Russo, Joseph «Bayonne Joe» Zicarelli, e John «Johnny Coca-Cola» Lardiere, além de um soldado em ascensão na mesma família chamado Louis Bobby Manna.

À semelhança de Scarfo e Bruno, todos tinham sido condenados por recusarem testemunhar perante a Comissão de Investigação do Estado. Os investigadores do crime organizado e a imprensa apelidaram o grupo de Yardville 9.

Os dois anos passados na prisão revelaram-se bastante frutíferos para a carreira de Scarfo. Além do tempo valioso passado na presença do patrão da Máfia de Filadélfia, Angelo Bruno, ele estreitou relações com os homens intimamente ligados às operações do crime organizado em Nova Jérsia e em Nova Iorque, criando laços que haveria de usar em proveito próprio nos anos seguintes.

Quanto a Philip Leonetti, o tempo em que o tio esteve na prisão iria contribuir para ele dar um forte impulso à sua carreira no sub-mundo, ao exercer as funções de emissário junto do tio e de Bruno, e cair nas boas graças dos pesos pesados da Máfia de Nova Iorque com quem contactava durante as visitas ao tio.

O tempo passado em Yardville deu ao meu tio a oportunidade de se aproximar do Angelo Bruno, o que foi uma vantagem. Nessa altura, o meu tio tinha um profundo respeito a Ange, e este respeitava o meu tio, reconhecendo estar na presença de um assassino, de um gangster, de alguém dedicado a *La Cosa Nostra* a cem por cento. Todas as semanas, eu levava a minha avó de carro a visitá-lo, e a mulher do Ange também nos acompanhava. No regresso, levava-as a almoçar. Passado pouco tempo, o meu tio e o Ange recorriam a mim para levar mensagens aos seus homens em South Philly e em Atlantic City, a homens como o Phil Testa e o Chuckie Merlino. No fim de cada visita, o meu tio, o Ange, e eu, reuníamo-nos a um canto, e os dois davam-me instruções sobre o que devia ver

e dizer. E eu seguia aquelas ordens à risca. Ainda era um adolescente, com dezoito ou dezanove anos. O meu tio também começou a ter relações bastante próximas com o Jerry Catena, o Nick Russo, o «Blackie» Napolie e Bobby Manna.

Gerardo Jerry Catena era um capitão poderoso da família Genovese, sendo há cinquenta anos uma figura notória do submundo, depois de se aliar a «Lucky» Luciano e a Meyer Lansky na década de 1920, durante a célebre guerra Castellammarese.

Catena era o patrão mais influente das atividades da família Genovese no Norte de Jérсия, e um dos quatro homens que integravam um quadro de administradores para gerir a família, formado após a prisão do seu chefe, Vito Genovese, em 1959.

Raffaele «Ralph» Napoli, conhecido por «Blackie», era um soldado da Máfia ligado à organização de Filadélfia que operava no Norte de Jérсия e cujo centro nevrálgico se situava na zona Down Neck de Newark.

O *capo* de Napoli e seu superior direto era o poderoso e traiçoeiro Antonio «Tony Bananas» Caponigro, um homem de origem siciliana que viria a tornar-se o *consigliere* de Angelo Bruno e o patrão do gangue da família no Norte de Jérсия.

Louis Bobby Manna era uma estrela em ascensão na família Genovese e um homem de confiança do gangue da Greenwich liderado pelo afamado Vincent «The Chin» Gigante.

O meu tio e Bobby Manna tornaram-se muito próximos quando estiveram em Yardville. Eram da mesma idade e passavam muito tempo juntos. Costumavam passear pelo recinto da prisão e conversar sobre os planos futuros. Ambos eram considerados novos talentos no mundo da Máfia e estavam muito empenhados em *La Cosa Nostra*. O meu tio costumava dizer-me: «O Bobby vai chegar longe, espera e verás.» Batia com o dedo na testa e comentava: «O Bobby tem isto», dando a entender que ele tinha miolos, que era inteligente. Dizia ain-

da que «em *La Cosa Nostra*, nesta atividade, tu precisas disto», moldando a mão numa pistola e apontando com ela para o chão.

Poucos anos depois de Scarfo e Manna serem libertados de Yardville, a previsão de Nicky Scarfo relativamente a Bobby Manna veio a confirmar-se, quando Vincent «The Chin» Gigante, amigo íntimo de Manna (e que viria a tornar-se o patrão mais poderoso da Máfia nos Estados Unidos na década de 1980) nomeou de imediato o «inteligente» Bobby Manna como seu *consigliere*, ou terceiro em comando.

A relação que Nicky Scarfo tinha cultivado com Bobby Manna durante os seus passeios na prisão estatal de Yardville viria a beneficiá-lo, e, por arrastamento, a Philip, assumindo um papel preponderante na organização do crime organizado em Filadélfia e Atlantic City nos anos e décadas seguintes.

Philip tinha concluído o ensino secundário e começava a deixar-se absorver pelo mundo secreto do seu tio, *La Cosa Nostra*.

Durante o tempo em que o meu tio esteve em Yardville, eu desloquei-me à Flórida para visitar o meu pai. Já não o via desde que ele nos tinha deixado, à minha mãe e a mim, quando eu era muito pequeno. Ele tinha um restaurante italiano chamado Leonetti's na região de Orlando. Passámos alguns dias juntos, mas a minha relação com ele não passou basicamente disso. Ele morreu poucos anos mais tarde e tudo acabou. A partir desse momento, eu passava todos os dias com o meu tio.

A universidade não era uma opção; a vida continuava com *La Cosa Nostra*.



EM CIMA, À ESQUERDA: Os pais de Philip, Pasquale e Annunziata [Nancy], no dia do seu casamento, em 1952, com o tio de Philip, Nick Scarfo. **EM CIMA, À DIREITA:** Philip, em bebé, com a madrinha e o tio Nick. **EM BAIXO:** Philip, aos nove anos de idade [na fila da frente, o terceiro a contar da esquerda] e restantes elementos da equipa de basquetebol de St. Mike, em 1962.

DINHEIRO. PODER. ASSASSÍNIOS. SEM ESCRÚPULOS.

Esta é a história real e sangrenta da ascensão e queda de um dos mais implacáveis impérios mafiosos da história americana. No seu epicentro, dois homens: Nicodemo Scarfo e o seu sobrinho Philip Leonetti. «Little Nicky» e «Crazy Phil». O chefe e o subchefe. O rei e o príncipe.

Com mais de duas dúzias de assassínios a pontuarem o seu reinado de terror, Scarfo e Leonetti foram dois dos mais influentes criminosos do século XX. Eram intocáveis, ou assim pareciam.

Após ser preso e condenado por homicídio e extorsão, Leonetti decidiu quebrar o código de silêncio da Máfia e colaborar com as autoridades num dos processos mais famosos contra o crime organizado. Os seus testemunhos ajudariam a condenar o seu próprio tio e dezenas de outros mafiosos, incluindo chefes poderosos como John Gotti ou Vincent Gigante.

Príncipe da Máfia é a história contada pelo próprio Leonetti, que vive há duas décadas com uma nova identidade, ao abrigo do Programa de Proteção de Testemunhas dos EUA. Se fosse um filme de Hollywood, seria uma mistura de *O Padrinho* e *Tudo Bons Rapazes*, com pinceladas de *Casino*, *Donnie Brasco* e *Os Sopranos*.

Mas isto não é um filme. Isto aconteceu mesmo. Isto é a realidade.

«Uma história fascinante de dinheiro sujo e assassínio,
por alguém que esteve lá.»

Nicholas Pileggi, escritor e argumentista de *Tudo Bons Rapazes* e *Casino*



Veja o vídeo de
apresentação
deste livro.

www.vogais.pt

v o g a i s

com todas as letras

20|20 editora

ISBN 978-989-668-244-6



9 789896 682446

História